

Brincar e Resistir: Fotoetnografia do Empoderamento de Crianças em Terreiros de Umbanda Contra o Racismo Religioso Escolar

Maria Cristina Marques

Professora Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Professora de Língua Inglesa na Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro e de Língua Portuguesa no município de Macaé, Rio de Janeiro. Pesquisadora Independente. Sacerdotisa de Umbanda.
E-mail: mariacmarques2010@hotmail.com

Resumo: Este estudo explora como as práticas lúdicas em terreiros de Umbanda, na Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, auxiliam no empoderamento de crianças umbandistas para enfrentar o racismo religioso em ambientes escolares. Adotando metodologias etnográficas e fotoetnográficas, o estudo empregou observações participativas, imagens e entrevistas para analisar a integração dessas atividades às práticas religiosas e mostrar como são representadas no contexto educacional. Destaca-se a figura do “Super Exu”, uma adaptação lúdica de uma entidade espiritual que as crianças usam como símbolo de poder e resistência. Os resultados mostram que o brincar, entrelaçado ao contexto religioso, fortalece a identidade das crianças e fornece ferramentas simbólicas e emocionais para combater a discriminação. O estudo conclui que respeitar essas experiências religiosas e lúdicas nos currículos escolares pode promover um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso, valorizando a diversidade religiosa e cultural.

Palavras-chave: racismo religioso, empoderamento infantil, educação, brincar, fotoetnografia.

Jugar y Resistir: Cómo la Fotoetnografía Revela el Empoderamiento de los Niños en Terreiros de Umbanda Contra el Racismo Religioso Escolar

Resumen: Este estudio explora cómo las prácticas lúdicas en *terreiros* de Umbanda, en la región de los Lagos, en Río de Janeiro, ayudan al empoderamiento de niños umbandistas para enfrentar el racismo religioso en la escuela. A partir de una metodología etnográfica y fotoetnográfica, este estudio utilizó observaciones participativas, imágenes y entrevistas para analizar la integración de estas actividades en las prácticas religiosas y cómo se representan en el contexto educativo. Se destaca la figura del “Súper Exu”, una adaptación lúdica de una entidad espiritual que los niños usan como símbolo de poder y resistencia. Los resultados muestran que jugar, al entrelazarse con el contexto religioso, fortalece la identidad de los niños y proporciona herramientas simbólicas y emocionales para combatir la discriminación. Se concluye que respetar estas experiencias religiosas y lúdicas en los currículos escolares podría promover un entorno educativo más inclusivo y respetuoso, valorando la diversidad religiosa y cultural.

Palabras clave: racismo religioso, empoderamiento infantil, educación, jugar, fotoetnografía.

To Play and To Resist: How Photoethnography Shows the Empowerment of Children in Umbanda Terreiros Against School Religious Racism

Abstract: This study explores how playful practices in Umbanda *terreiros* in Região dos Lagos, Rio de Janeiro, aid the empowerment of Umbandist children to face religious racism in school environments. Adopting ethnographic and photoethnographic methodologies, this study employed participatory observations, images, and interviews to analyze the integration of these activities into religious practices and how they are represented in the educational context. The figure of the “Super Exu,” a playful adaptation of a spiritual entity children use as a symbol of power and resistance, is highlighted. Results show that intertwining play religion strengthens children’s identity and provides them with symbolic and emotional tools to combat discrimination. This study concludes that respect for these religious and playful experiences into school curricula could promote a more inclusive and respectful educational environment that values religious and cultural diversity.

¹ A Umbanda é uma religião formada em solos brasileiros e envolve as ritualísticas espíritas, africanas e algumas com o sincretismo católico.

Este artigo apresenta como as crianças umbandistas¹ de um terreiro da Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, por meio de suas interações e práticas religiosas, utilizam a narração e as brincadeiras para construir e comunicar suas identidades religiosas no contexto comunitário umbandista.

Signates (2021) sugere que, ao examinar a religião sob a ótica da comunicação, podemos compreender de maneira aprofundada como as práticas religiosas são essencialmente formas de interação, moldadas tanto pela transmissão de conteúdos quanto pelo envolvimento e pela participação comunitária. Essa perspectiva destaca como essas práticas não se limitam a ser manifestações de fé, mas também atuam como complexos atos de comunicação que influenciam a formação da sociedade.

Além disso, pretendemos abordar as implicações dessas comunicações para as práticas pedagógicas e políticas inclusivas, sugerindo maneiras pelas quais os educadores podem integrar a compreensão dessas expressões religiosas na educação formal, promovendo um ambiente mais inclusivo e respeitoso para a diversidade religiosa.

O estudo de Thaís de Carvalho (2016) oferece uma análise profunda sobre as interações raciais entre crianças em ambientes escolares distintos do Rio de Janeiro, explorando como a mídia e o contexto social influenciam suas percepções sobre raça e identidade. Utilizando o conceito de “trauma cultural” (p. 125), Carvalho ilustra como as discriminações raciais, tanto as experienciadas diretamente quanto as observadas, desempenham um papel crucial na formação da identidade social das crianças. Esse trauma não emerge apenas de experiências imediatas, mas também é moldado pela memória coletiva e pelos discursos predominantes sobre raça, levando as crianças a refletir e a reproduzir as estruturas de poder e privilégio que veem ao seu redor e na mídia, muitas vezes enxergando a “branquitude” como um domínio de privilégios que lhes são negados.

Paralelamente a essas percepções raciais, o caso de Andresa, uma menina umbandista, residente na Região dos Lagos, revela uma dinâmica similar de marginalização, mas em um contexto de intolerância religiosa dentro de sua escola. Ao impor práticas religiosas cristãs e excluir outras crenças, a professora de Andresa cria um ambiente no qual as orações cristãs são a norma, enquanto as práticas de outras religiões são marginalizadas ou ignoradas. A professora diz às crianças: “quem quiser rezar, reza, quem não quiser, fique calada e ouça, apenas”, excluindo explicitamente a prática religiosa da menina e, por extensão, a sua identidade religiosa. Essa situação não apenas reflete a exclusão religiosa, mas também ressoa com os conceitos explorados por Carvalho (2016), em que as crianças aprendem e internalizam as normas sociais que veem, incluindo aquelas que perpetuam discriminação e exclusão, causando o “trauma cultural”.

Em relação às brincadeiras infantis, Marques (2023) destaca a importância fundamental do brincar no desenvolvimento infantil, argumentando que, desde o nascimento, o ato de brincar é essencial para o crescimento motor, cognitivo e social da criança. Por meio das brincadeiras, as crianças imitam o cotidiano dos pais e interagem com seus pares, explorando e criando mundos nos quais a felicidade, a criatividade e o movimento são elementos centrais. A pesquisadora introduziu conceitos como “campo-brincante”, um espaço vital para as brincadeiras e para o desenvolvimento social das crianças. Além disso, foram observados comportamentos como o de “criante-brincante”, crianças que inventam brincadeiras, e o de “criante-narrante”, aquelas que criam e contam histórias, refletindo a capacidade de imaginação e expressão na infância (Marques, 2023).

Winnicott (2019), no universo lúdico, enfatiza que a criança utiliza elementos externos, incorporando-os ao seu universo imaginativo, em que fenômenos assumem novos significados e sentimentos, esboçando um ambiente no qual a fantasia não tem limites. A observação atenta dos gestos, expressões corporais e narrativas das crianças em brincadeira é crucial para desvendar a essência do ato de brincar. Essa percepção aprofundada revela a relevância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, sublinhando sua função transcendental na construção de mundos imaginativos e na promoção do crescimento emocional e cognitivo.

Integrando esse entendimento ao contexto específico do brincar na Umbanda, observamos como esses conceitos se manifestam de maneira única e culturalmente enriquecedora. Por exemplo, Pedro, uma criança umbandista, antes de iniciar os rituais da gira de Exu, busca sua capa do Batman, que utiliza em casa para brincar. O menino imita a vestimenta de exu de seu pai, quando em transe. Ao vestir a capa, Pedro transforma-se em “Super Exu”, um herói que ele associa à abertura de caminhos e à cura, refletindo sua admiração e respeito por essa entidade espiritual. Essa brincadeira revela como as crianças umbandistas integram suas crenças e práticas religiosas no brincar, estabelecendo uma ponte entre o sagrado e o cotidiano lúdico.

Dentro dos contextos citados, esta pesquisa levanta várias questões importantes: busca entender como o uso de dispositivos móveis pelos jovens umbandistas influencia a preservação e a expressão das práticas religiosas e culturais nos terreiros de Umbanda, especialmente nas dinâmicas de aprendizagem, comunicação e identidade; investiga como as narrativas criadas por crianças umbandistas sobre entidades espirituais, como o “Super Exu”, contribuem para a formação e expressão de suas identidades religiosas e de que forma essas identidades são percebidas em ambientes educacionais; bem como explora o impacto dessas narrativas mediúnicas na percepção e tratamento das crianças umbandistas por seus pares e educadores nas escolas; e, por fim, analisa como a inclusão das experiências religiosas das crianças umbandistas nos currículos escolares pode promover um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso. Essa abordagem visa compreender a complexa interação entre tecnologia, religião e educação na vida das crianças umbandistas, oferecendo uma visão abrangente das dinâmicas que moldam suas experiências sociais e espirituais.

O objetivo central deste estudo recai sobre a formação da identidade em decorrência de como essas crianças utilizam suas interações com as entidades espirituais, os ensinamentos da religião e o brincar para construir sua própria identidade religiosa e pessoal. Isso inclui entender, por exemplo, de que modo figuras como o “Super Exu” servem como pontos de ancoragem para a aprendizagem e para a expressão de valores religiosos e culturais.

Este estudo utiliza as metodologias etnográfica e fotoetnográfica para analisar as dinâmicas de comunicação e de identidade religiosa entre crianças membros do corpo mediúnico de um terreiro de Umbanda. A adoção dessas técnicas responde à necessidade de entender detalhadamente as práticas culturais e espirituais desses jovens em seu ambiente natural e rotineiro. Integrando a fotoetnografia como uma ampliação da etnografia, esse método emprega a fotografia para capturar elementos visuais que realçam e complementam a observação ativa.

Eduardo Queiroga (2015, p. 83) discute a complexidade da autoria na fotografia, desafiando conceitos estabelecidos e explorando profundidades dessa questão. Ele recorre a conceitos literários, com base em autores renomados, para aprofundar o debate no campo fotográfico, delineando diferenças cruciais entre autor e fotógrafo. A provocação central de Queiroga é que nem todo fotógrafo pode ser considerado um autor e que nem todas as obras produzidas por um autor são necessariamente autorais. Segundo Queiroga (2015), a fotografia autoral requer o reconhecimento da intenção criativa e do significado que transcende a mera captura de imagens.

Ao possibilitar uma imersão profunda na vida cotidiana das crianças no terreiro umbandista, a etnografia facilita a compreensão de suas vivências e suas rotinas diárias. Visitas regulares e observações participativas documentam meticulosamente as interações dessas crianças, com idades entre sete e onze anos, durante rituais e momentos de lazer dentro do espaço sagrado. Essa técnica captura as nuances de suas práticas religiosas e estimula reflexões sobre seus papéis dentro da tradição.

Complementando a etnografia convencional, a fotoetnografia surge como uma ferramenta fundamental, utilizando dispositivos como smartphones e câmeras dedicadas a registrar imagens que expressam os elementos visuais e emocionais das práticas religiosas dos jovens. A fotografia não apenas documenta visualmente as atividades no terreiro, mas também serve como meio de expressão para as crianças, que frequentemente selecionam os momentos a serem fotografados.

Isso enriquece a pesquisa com suas perspectivas e interpretações dos rituais, adicionando camadas de significado ao estudo.

O uso do dispositivo de smartphones na pesquisa etnográfica é potencializado pela utilização de aplicativos de gravação para capturar áudios dos rituais e diálogos, que são transcritos com o auxílio de *softwares* especializados. Essa abordagem agiliza significativamente o processo de documentação e análise das interações observadas. Ademais, o uso de programas avançados como *Photoshop* e *Lightroom* para a edição de imagens permite uma representação mais precisa e esteticamente aprimorada dos momentos capturados, assegurando que as representações visuais sejam tão informativas e impactantes quanto as análises textuais. Esses recursos de mídia, ao serem integrados na metodologia de pesquisa, não apenas facilitam a coleta de dados, mas também expandem as possibilidades de análise e de interpretação, oferecendo uma visão mais abrangente e dinâmica das práticas culturais e religiosas no terreiro umbandista da Região dos Lagos, RJ.

Além das técnicas observacionais e fotográficas, são realizadas conversas informais com as crianças regularmente. Esses diálogos ocorrem dentro do espaço sagrado do terreiro, proporcionando um ambiente acolhedor e familiar para que as crianças compartilhem livremente suas ideias e emoções. Tais conversas são fundamentais para entender como percebem e comunicam sua identidade religiosa e como visualizam seu papel dentro da comunidade umbandista.

Vale ressaltar que a condução desta pesquisa envolve considerações éticas rigorosas, especialmente devido à idade dos participantes e à natureza de suas práticas religiosas. O consentimento informado é obtido dos pais ou responsáveis das crianças, e um cuidado especial é tomado para assegurar que a participação no estudo seja voluntária e consciente. A privacidade e a confidencialidade das informações coletadas são estritamente mantidas, garantindo que os dados sejam usados exclusivamente para fins acadêmicos.

² O Candomblé é uma religião afro-brasileira que venera Orixás, divindades associadas a elementos da natureza, por meio de rituais que incluem música, dança e possessão espiritual, destacando a importância da ancestralidade e da comunidade na preservação das tradições culturais e religiosas africanas.

Embora existam estudos sobre crianças em terreiros de Candomblé², a dimensão lúdica de suas experiências religiosas raramente é explorada com profundidade teórica. A exemplo, Falcão (2010) aborda o papel das crianças no Candomblé, integrando a Antropologia da Religião e a Antropologia da Criança. No curso desse processo, a lacuna de pesquisa sobre a construção identitária por meio da mediação espiritual na Umbanda aborda uma área de estudo relativamente pouco explorada, principalmente no contexto das interações entre religião, educação e a experiência do brincar das crianças. Esta pesquisa pretende explorar, especificamente, a interação entre a ludicidade infantil e as práticas espirituais umbandistas, um aspecto que tem sido esquecido na literatura acadêmica.

No corolário dessas constatações, foram observadas várias dinâmicas relacionadas à maneira como as crianças umbandistas comunicam suas práticas e crenças em ambientes escolares. Em muitos casos, essas crianças enfrentam desafios, incluindo a estigmatização e mal-entendidos por parte de colegas e de educadores. No entanto, também foram documentadas situações em que a expressão de sua religiosidade contribuiu para a educação e a sensibilização sobre diversidade cultural e religiosa nas escolas, promovendo um diálogo mais inclusivo e empático.

Os resultados deste estudo oferecem contribuições significativas para a formulação de estratégias educacionais mais abrangentes e inclusivas. Aprofundar-se no entendimento das vivências das crianças umbandistas capacita os educadores a estruturarem ambientes de aprendizado que não apenas respeitam, mas também valorizam a pluralidade religiosa. Além disso, promovem uma conscientização ampliada sobre a necessidade de tratar a religiosidade de maneira cuidadosa e respeitosa nos espaços educacionais, reforçando a importância de uma abordagem sensível às diversas expressões de fé no contexto escolar.

Diante do exposto, as crianças estudadas demonstraram uma compreensão notável e a capacidade de expressar sua identidade religiosa por meio de narrativas e brincadeiras, principalmente, associadas ao “Super Exu”. Não obstante a todas essas atividades brincantes, as práticas de incorporação mediúnicas, apesar de

sua complexidade, são interpretadas e adaptadas pelas crianças de maneiras que refletem tanto reverência quanto uma abordagem lúdica.

Foco e Reverência, Refletindo a Importância e a Solenidade do Momento



Figura 1³ Fabian, de 10 anos, ofertando

Nota: Acervo pessoal da autora.

³ É importante destacar que, no decorrer da pesquisa, obtivemos o Termo de *Consentimento Livre e Esclarecido* devidamente assinado pelos responsáveis legais das crianças envolvidas, bem como pelas próprias crianças, autorizando o uso de suas imagens no contexto do estudo. Esses documentos garantem a conformidade ética e legal de nossa pesquisa, protegendo os direitos e a privacidade das crianças e de suas famílias.

⁴ Mariô: elemento importante nos rituais de Candomblé e em algumas tradições de Umbanda, referindo-se especificamente às folhas de palmeira-da-costa ou dendezeiro. O uso do mariô destaca o respeito e a reverência aos elementos naturais, fundamentais na prática religiosa dessas tradições.

Na imagem, Fabian Monteiro de Araújo, menino umbandista, está profundamente envolvido em uma cerimônia espiritual realizada em um terreiro de Umbanda localizado na Região dos Lagos, durante as celebrações do dia de Ogum, em 2024, que coincide com o dia de São Jorge na igreja católica. Ele se inclina cuidadosamente sobre um recipiente de barro contendo oferendas específicas para Ogum, incluindo acará (inhamé) e mariôs⁴, elementos tradicionais nas oferendas a esse orixá. Fabian está no processo de acender uma vela, gesto que simboliza invocação e proteção. Sua expressão é de foco e de reverência, refletindo a importância e a solenidade do momento. Ao redor, outros participantes engajam-se em atividades rituais, indicando a presença de uma comunidade ativa e unida pelas práticas religiosas. O ambiente é adornado com elementos naturais, reforçando a conexão espiritual com elementais e os orixás, uma característica essencial da Umbanda.

Luiz Signates (2019) oferece uma análise detalhada sobre a evolução do espiritismo kardecista no Brasil, descrevendo sua progressão desde as práticas iniciais conhecidas como “não rito” até as mais estruturadas no “rito de contato”, em que a mediunidade passa a ser utilizada como ferramenta terapêutica e de comunicação direta. Essa fase de contato é particularmente comparável às práticas da Umbanda, nas quais a mediunidade também é central e se manifesta no diálogo com entidades, como Caboclos, Pretos Velhos e Malandros, espíritos de mortos que se comunicam com os médiuns durante os rituais.

Além disso, a Umbanda se distingue pelo uso de elementais, como fogo, terra, ar e água, nas oferendas ao orixá Ogum, contrastando-se com as práticas do espiritismo kardecista, que tradicionalmente se comunica por escrita mediúnica. Um exemplo notável dessa prática umbandista foi capturado em uma imagem feita com um *iPhone 14* durante as celebrações de Ogum na Região dos Lagos. A imagem de Fabiano, profundamente envolvido no ritual, não apenas ilustra a prática contemporânea, mas também destaca a importância de Ogum, uma divindade não reencarnada, ao contrário dos espíritos de contato no espiritismo, na Umbanda.

Em relação ao comentário do autor, ao contrário do espiritismo kardecista, que em sua origem na França buscava racionalizar e desmistificar as práticas religiosas por meio de uma abordagem científica, a Umbanda é caracteristicamente adaptativa e inclusiva. Ela integra e reinterpreta elementos do catolicismo e tradições religiosas africanas, criando uma prática espiritual dinâmica e acessível.

O “rito de separação” descrito por Signates (2019) indica um movimento do espiritismo kardecista em direção à formalização com práticas mediúnicas, tornando esses exercícios mediúnicos mais estruturados e limitados a ambientes controlados. Em contraste, a Umbanda mantém um caráter mais eclético e flexível, resistindo a uma institucionalização rígida e permitindo a incorporação contínua de novas práticas e crenças.

Pela análise de Signates (2019), podemos destacar a capacidade da Umbanda de integrar diversas influências e manter uma prática religiosa vibrante e adaptativa, refletindo a complexidade do panorama religioso brasileiro. As tradições compartilham a centralidade da mediunidade, mas divergem significativamente em suas abordagens e no grau de formalidade de suas práticas rituais. A imagem de Fabian durante o ritual de Ogum serve como um poderoso lembrete visual da vitalidade e da relevância contínua da Umbanda no Brasil moderno.



Figura 2 Fabian, de 10 anos, ofertando

Nota: Acervo pessoal da autora.

Na imagem capturada, observamos Fabian e seu pai em um ponto crucial de imantação dentro do terreiro de Umbanda, espaço dedicado às oferendas para os guias e orixás. Esse local é essencial nas práticas umbandistas e funciona como o coração das conexões espirituais por meio de rituais e ofertas. Ambos estão envolvidos no ato simbólico de acender uma vela, o qual evoca luz, proteção e clareza espiritual. O pai de Fabian, com cuidado e atenção, orienta o filho no manuseio do elemental fogo, destacando a transmissão intergeracional de conhecimentos e de práticas espirituais. Essa interação não apenas fortalece os laços familiares, mas também enraíza profundamente ambos na sua fé. Trata-se de um momento de aprendizado e de reverência, em que tradições são não apenas honradas, mas vividas e transmitidas de maneira prática e significativa.

Dispositivos Móveis na Umbanda: Tecnologia e Tradição que Deixam Registros

Em sua análise, Jean Retschitzki (2012) observa que, na época de seu estudo, a mídia frequentemente era responsabilizada por diversos problemas sociais, como a violência juvenil e a obesidade. Contudo, Retschitzki ressalta a emergência de novas tecnologias que expandem significativamente a disseminação do conhecimento sobre culturas pouco conhecidas. Esse avanço sugere a necessidade de redefinir o conceito de mídia para incluir essas novas formas de transmissão de informações. Com a ascensão da internet e das redes sociais, a disseminação de informações tornou-se mais rápida e acessível, permitindo uma ampla difusão de culturas e de conhecimentos anteriormente restritos a certos grupos. Esse processo é visto como uma democratização da informação, facilitando o acesso a diversos conteúdos culturais e sociais globalmente.

No contexto das brincadeiras de crianças umbandistas, a tecnologia móvel, como os celulares, desempenha um papel crucial. Caron e Caronia (2012) discutem como a tecnologia do celular é assimilada pela cultura juvenil, permitindo transformações culturais que se manifestam de forma única em cada sociedade. Essa integração tecnológica é particularmente significativa para crianças em contextos religiosos, como na Umbanda, nos quais celulares são usados não apenas para comunicação,

mas também como ferramentas de aprendizado e de expressão religiosa. Durante rituais e celebrações, como as observadas com o menino Fabian no terreiro, os celulares permitem capturar e compartilhar momentos de práticas espirituais, além de servirem como instrumentos educacionais para ensinar e aprender sobre a doutrina da religião de maneira interativa e engajada.

Jovens de diferentes origens culturais utilizam essas tecnologias para se conectar, aprender e expressar suas identidades religiosas e culturais. Essa “domesticação cultural”, conforme afirmam Caron e Caronia (2012), do celular pelos jovens é uma forma de adaptação às mudanças tecnológicas, tornando-os agentes ativos na produção de novos roteiros culturais e na preservação de suas tradições. Ao mesmo tempo, a capacidade do celular de facilitar a expressão e a amplificação dos traços identitários e culturais nos contextos de sincretismo linguístico e cultural, como visto em comunidades multiculturais, é uma evidência do impacto profundo dessas tecnologias na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, a integração do celular na prática religiosa e cultural das crianças umbandistas não apenas reflete a adaptação e o crescimento da influência tecnológica, mas também reafirma a importância de considerar essas ferramentas extensões valiosas para a educação e expressão cultural. Assim, o celular transcende sua função original e torna-se um instrumento poderoso na aprendizagem incidental e na transformação cultural, alavancando o conhecimento e a comunicação dentro e fora da esfera religiosa.

Eduardo Queiroga (2015) apresenta uma análise perspicaz sobre a complexidade da autoria em fotografia, argumentando que nem todo fotógrafo pode ser considerado um autor, pois a verdadeira autoria exige um reconhecimento da intenção criativa e do significado que transcende a simples captura da imagem. Esse conceito se alinha profundamente com o estudo das práticas de fotoetnografia nas brincadeiras de crianças umbandistas, em que cada fotografia serve como uma interpretação cultural das suas vivências religiosas.

Nesse contexto, as fotografias das crianças umbandistas não são apenas registros visuais; são narrativas visuais que documentam a fusão entre o sagrado e o lúdico. Ao registrar crianças em momentos de brincadeira e ritual, as imagens revelam como a espiritualidade é incorporada e expressa na juventude umbandista. Essas fotografias, portanto, transcendem a documentação, atuando como expressões autorais que conectam as práticas espirituais à cultura mais ampla e ilustrando como essas crianças interpretam e perpetuam suas religiosidades.

Queiroga (2015) também ressalta que a autoria na fotografia envolve uma profundidade que vai além da técnica, abarcando a habilidade de evocar significados e comunicar dentro de um contexto cultural específico. Assim, as fotografias de crianças umbandistas em momentos de prática religiosa se tornam um poderoso meio de expressão autoral, destacando a interseção entre a infância, a religião e a identidade cultural. Através das lentes, observa-se não apenas o que as crianças fazem, mas o significado mais profundo por trás de suas ações, refletindo de que modo elas veem e moldam seu mundo espiritual e social.

Ao integrar a perspectiva do autor sobre autoria fotográfica, entende-se que essas imagens são mais do que fotografias; são testemunhos visuais de uma geração que navega entre o legado espiritual e a expressão individual, enfatizando a relevância da fotoetnografia como ferramenta crítica para explorar e documentar as complexas dinâmicas de identidade e prática cultural na Umbanda. Assim, a fotografia na pesquisa de práticas umbandistas não só captura momentos, mas também questiona e comunica o rico mosaico de experiências que definem a infância religiosa contemporânea.

Além disso, Signates (2021) discute o impacto da tecnologia e da mídia nas práticas religiosas, observando que a midiatização das religiões alterou a maneira como os dogmas são transmitidos e como as comunidades de fé interagem. As religiões enfrentam hoje o desafio de manter sua relevância em um mundo onde as barreiras comunicacionais são cada vez menores, e as identidades religiosas são continuamente

expostas a um espectro mais amplo de influências e de interpretações. Essa exposição resulta em uma pluralidade de significados, em que os dogmas estão em constante disputa, seja em contextos de polêmica ou de dialogicidade.

Importa também a análise do autor sobre como as igrejas tradicionais e as novas formas de espiritualidade online se adaptam e respondem às condições da modernidade. Luiz Signates (2021) observa duas tendências claras: a adaptação das práticas religiosas tradicionais aos formatos midiáticos e o surgimento de práticas religiosas que são nativas do ambiente digital. Essas novas formas de religiosidade, chamadas por ele de “igrejas midiáticas” (p. 442), operam de maneira similar a influenciadores digitais, usando plataformas online para alcançar e engajar seus seguidores.

Por fim, o autor propõe que, ao estudar a religião por meio da lente da comunicação, podemos entender melhor como as práticas religiosas são intrinsecamente formas de comunicação, configuradas tanto pela transmissão de conteúdos quanto pela interação e pelo engajamento comunitário. Essa abordagem revela o funcionamento das práticas religiosas não apenas como expressões de fé, mas também como complexos atos comunicativos que moldam a sociedade.

O Transe Mediúnico Infantil



Figura 3 Médium Thaís, 10 anos

Nota: Acervo pessoal da autora.

⁵ Esse relato foi dado por Thaís durante uma conversa no terreiro de Umbanda. Perguntei-lhe sobre o motivo de ela gostar de frequentar o terreiro e quais entidades de Umbanda mais a atraem.

Thaís: Quando eu venho pra cá, a gente brinca de pique-pega, de conversar, de pique-esconde. O que eu mais gosto quando estou aqui é quando as entidades chegam. Gosto do jeito como elas falam. Quando as crianças chegam, elas ficam pulando, trazem alegrias enormes e também porque elas ficam pulando. E quando é o vovô, eu sei porque ele não tá pulando, e traz uma paz enorme e alegria. Ele vem abaixado, devagar. A cabocla vem atirando a flecha e dançando. A flecha é pra tirar todo mal, afastar as coisas ruins das pessoas. Ainda não aprendi o que é mediunidade⁵.

⁶ “Incorporar” na Umbanda refere-se ao processo pelo qual um médium permite que uma entidade espiritual assuma temporariamente o controle de seu corpo físico para se comunicar e interagir com os participantes durante os rituais. Essa prática é central na Umbanda, uma religião afro-brasileira que enfatiza a cura, a proteção e o conselho espiritual através do contato direto com espíritos e guias. A incorporação permite que as entidades transmitam mensagens, ofereçam cura e realizem trabalhos espirituais, utilizando o corpo do médium como um veículo para sua expressão no mundo material.

Na imagem, vemos Thaís, uma menina médium de Umbanda, em um momento de profunda emoção espiritual dentro do terreiro. Ela está vestida com um turbante branco e colares de contas, elementos tradicionais que ressaltam sua conexão com o sagrado. Suas lágrimas, que marcam a presença intensa da entidade espiritual, revelam a profundidade de seu transe mediúnico, ou incorporação⁶, durante uma cerimônia. Thaís, que está no processo de entender e aceitar sua capacidade mediúnica, expressa uma mistura de reverência e emoção ao incorporar uma cabocla associada à energia de Oxum, orixá das águas.

A conexão emocional capturada na imagem de Thaís, uma jovem médium de Umbanda, em transe durante uma cerimônia, reflete intensamente a discussão sobre a evolução da mediunidade no espiritismo brasileiro, conforme explora Luiz Signates (2019). Thaís, imersa em lágrimas e emoção profunda, exemplifica a incorporação direta e emocional que o autor descreve como característica do “rito de contato”, no qual a mediunidade serve como um canal terapêutico e comunicativo entre o mundo espiritual e o material.

Relembrando conceitos de Signates (2019), quando identificada uma progressão histórica no espiritismo, desde práticas espontâneas e menos estruturadas, conhecidas como “não rito”, até formas mais organizadas e codificadas, como o “rito de separação”, considerando o contexto de Thaís, sua experiência como médium não só demonstra a função terapêutica da mediunidade, mas também a intensidade do envolvimento emocional e espiritual que esses ritos proporcionam. Sua expressão de melancolia, característica da Orixá Oxum, simboliza a transferência de energia e a comunicação direta com as entidades espirituais, uma característica essencial tanto no rito de contato quanto nas práticas contemporâneas da Umbanda.

A análise do autor sobre a formalização das práticas mediúnicas no espiritismo kardecista oferece uma lente por meio da qual podemos entender a dinâmica similar à da Umbanda. Assim como o espiritismo busca purificar e codificar suas práticas para preservar a doutrina, a Umbanda enfrenta desafios semelhantes em equilibrar a tradição e a inovação, mantendo sua identidade religiosa vibrante e dinâmica.

A imagem de Thaís e a discussão de Signates (2019) iluminam como as práticas mediúnicas, apesar de suas diversas manifestações e adaptações ao longo do tempo, continuam a ser um componente vital da expressão espiritual e cultural no Brasil. Essa correlação destaca não apenas a transformação da mediunidade, mas também a persistência de suas funções fundamentais como veículos de cura, de comunicação e de conexão espiritual em ambas as tradições religiosas.

Em relação à voz de Thaís, quando contrastada com esse momento solene, as giras de erê⁷ nas cerimônias de Umbanda oferecem um vislumbre vibrante da interação lúdica entre as crianças do terreiro. Nessas ritualísticas, os médiuns têm a oportunidade de brincar e de expressar suas energias joviais sob a influência de entidades espirituais infantis, conhecidas como erês ou Ibejis. Essas sessões são especiais, pois permitem que as crianças brinquem ativamente nos rituais de maneira alegre e descomplicada, o que é essencial para o seu desenvolvimento espiritual e social dentro da comunidade religiosa.

Durante essas giras, é comum ver crianças correndo, cantando e dançando, criando um ambiente de festividade e de celebração. A brincadeira, nesse contexto, é vista como uma extensão do aprendizado e da expressão religiosa, em que a alegria e o entusiasmo das crianças são encorajados e valorizados como parte integral da vida espiritual do terreiro.

Diante do exposto, enquanto Thaís enfrenta a intensidade de um transe espiritual profundo, as giras de desencarnados de crianças, Ibejis, refletem um aspecto mais leve e jubiloso da prática religiosa na Umbanda, destacando a comunidade como um espaço de crescimento espiritual para todas as idades. Ambos os momentos — seja o transe de Thaís ou as brincadeiras das giras de Ibeji — são cruciais para manter a dinâmica cultural e espiritual viva dentro do terreiro, demonstrando como a Umbanda abraça e nutre tanto os momentos de profunda conexão espiritual quanto os de alegre celebração.

“Quero Ser o Super Exu! Ele Abre Caminhos, Exu Cura!” – Conceitos brincantes



Figura 4 Pedro, de 7 anos, com sua capa de Batman

Nota: Acervo pessoal da autora.

Na imagem, feita por um smartphone, Pedro Monteiro Araújo, um garoto umbandista está brincando com uma capa preta. Ele tem cabelos castanhos curtos

⁷ O ritual de Ibejis na Umbanda é um dos mais coloridos e alegres, refletindo a energia e a pureza das crianças espirituais. Ibejis, também conhecidos como Erês, são entidades infantis que representam a dualidade e a alegria.

e uma expressão viva e entusiasmada. Enquanto ajusta a capa ao redor do pescoço, imita a entidade de Exu que seu pai incorpora durante os rituais de Umbanda no terreiro da Região dos Lagos, no Rio de Janeiro. A imagem captura um momento de alegria e de admiração de Pedro pela figura espiritual, mostrando sua conexão com as práticas culturais e espirituais de sua família. Para ele, o terreiro de Umbanda é seu espaço brincante, pois o dirigente espiritual proporciona às crianças esses momentos lúdicos.

Na narrativa de Pedro, observamos a materialização dos conceitos de Maria Marques (2023), em que as crianças emergem como narradoras centrais em nossa pesquisa. Ao mostrar sua capa com brilho nos olhos e proclamar entusiasmado: “Quero ser o Super Exu! Ele abre caminhos, Exu cura!”, Pedro transforma-se em um “criante-narrante”, cuja voz ativa e perspectiva infantil enriquecem nosso estudo, ao permitir que suas experiências moldem nossas discussões acadêmicas. Essa abordagem não apenas aprofunda a pesquisa, mas também estabelece uma conexão genuína e valorizada com o universo das crianças.

Antes dos rituais na gira de Exu, a empolgação de Pedro o leva a buscar sua capa de Batman, habitualmente usada em casa, que no contexto do terreiro assume um significado especial. Essa capa, similar às vestimentas rituais de seu pai, torna-se um símbolo de sua conexão com o pai e com Exu, refletindo o conceito de “campo-brincante”, no qual o terreiro se transforma em um espaço de aprendizado e desenvolvimento por meio do brincar. Ao adotar o manto de “Super Exu”, Pedro não apenas expressa seu respeito pela entidade, mas também incorpora as qualidades admiráveis de Exu, influenciando suas interações diárias e reafirmando seu papel como “criante-brincante”, que utiliza a imaginação para reconfigurar sua realidade espiritual e social. Ao mesclar o imaginário dos super-heróis com a venerada figura de Exu na Umbanda, Pedro transmite que essa entidade é um herói genuíno, com o poder de abrir caminhos e curar. Esse entrelaçamento de referências culturais ilustra a capacidade única das crianças de interpretar e de moldar sua percepção do mundo. Assim, Pedro procura honrar e experienciar os atributos de seu herói Exu, inspirando-se em sua sabedoria e força para guiar sua própria trajetória espiritual e pessoal.

O Papel do Brincar nas Narrativas Espirituais Infantis

Ao ouvir crianças compartilhando suas visões com autenticidade, somos transportados aos domínios que autores infanto-juvenis frequentemente exploram. Nesse contexto, Rogério Athayde (2012), em sua obra, retrata Exu como um herói central, ecoando a voz de Pedro ao afirmar que “Exu está tão perto do homem que se torna o melhor amigo que alguém poderia ter” e “Exu faz tudo para ajudar aqueles que precisam” (p. 11). Na mitologia de Athayde, Exu interage com Amosú, um homem conhecido por suas mentiras frequentes, embora ele alegue que não as diz por malícia. Contrastando com Amosú, Pedro, não está mentindo ao comparar Exu a seu herói; ele se veste com a capa preta, reconhecendo que, na Umbanda, os Exus frequentemente usam tal vestimenta, tal como um super-herói. Para ele, assumir a identidade do “Super Exu” significa alinhar-se com a benevolência e a força dessa figura espiritual.

Assim como Maria Marques (2023) argumenta que o brincar é essencial para o aprendizado e a criação de mundos pela criança, o exemplo de Pedro ilustra como essas atividades lúdicas também podem ser uma forma de expressão espiritual e cultural. A capa preta, carregada de simbolismo, não apenas conecta o menino ao seu pai e à figura de Exu, mas também o empodera a incorporar e ressignificar os atributos dessa entidade dentro de sua própria narrativa lúdica. Portanto, o brincar, tanto em contextos seculares quanto religiosos, é um veículo pelo qual as crianças exploram e interpretam o mundo ao seu redor, demonstrando a universalidade e a adaptabilidade dessa atividade essencial no desenvolvimento infantil.

Exu na Umbanda: Desmistificação e Educação em Contextos de Intolerância

A representação e a compreensão das religiões de matriz africana no Brasil, particularmente focando na entidade Exu da Umbanda e nos desafios enfrentados

ao introduzir esses temas em contextos educacionais, são marcadas por intolerância e preconceitos.

Esse mal-entendido é parte de um problema maior de intolerância religiosa e falta de conhecimento aprofundado sobre as religiões afro-brasileiras, um tema persistente na sociedade brasileira. Marques (2014) relata esse problema no contexto educacional, quando ilustra o ocorrido em 2009 em uma escola na Serra de Macaé, na qual a introdução da obra *Lendas de Exu*, de Adilson Martins (2008), autorizada a adentrar os recintos escolares, por órgãos competentes, foi recebida com resistência significativa, marcada por interpretações distorcidas e por rejeição.

A discussão sobre Exu em sala de aula, conforme explorada por Silva e Marques (2019), destaca o valor pedagógico de incluir lendas africanas no currículo escolar, não apenas como uma forma de afirmação cultural para alunos afro-brasileiros, mas também como uma ferramenta para promover uma compreensão mais ampla e empática das diversas tradições religiosas e culturais.

Danielle N. Boaz (2021) oferece uma análise crítica dos obstáculos estruturais e culturais enfrentados pelos educadores ao tentar integrar conteúdos sobre religiões afro-brasileiras nas escolas. Boaz documenta como as políticas progressistas de inclusão racial e cultural no Brasil ainda enfrentam desafios significativos na sua implementação, devido à resistência de setores conservadores e à falta de preparo adequado dos professores. Ela destaca:

Brazilian schools are far advanced beyond most of their counterparts in the Western Hemisphere in terms of their policies regarding race and inclusion. However, the implementation of these policies, including the lack of suitable training for teachers and opposition from ultra-right, evangelical sects, poses significant challenges. (Boaz, 2021, p. 111)⁸

⁸ O ritual de Ibejis na Umbanda é um dos mais coloridos e alegres, refletindo a energia e a pureza das crianças espirituais. Ibejis, também conhecidos como Erês, são entidades infantis que representam a dualidade e a alegria.

Esse contexto reforça a necessidade de uma formação docente mais eficaz e de políticas públicas mais robustas que garantam a integração e o respeito pelas tradições afro-brasileiras no ambiente educacional, superando os desafios impostos por visões religiosas e culturais estreitas.

A valorização das narrativas afro-brasileiras, conforme sugerido por Silva e Marques (2019), e a crítica de Boaz (2021) sobre a aplicação prática das políticas de inclusão são cruciais para entender e superar os obstáculos à educação multicultural e inclusiva no Brasil. Esse enfoque não só ilumina os desafios enfrentados, mas também sugere caminhos para uma sociedade mais inclusiva e respeitosa das diversas heranças culturais e religiosas.

Promovendo o Respeito às Diversas Crenças no Ambiente Escolar



Figura 5 *Andresa Raquel Gomes Mamede, 9 anos trajada com calça jeans, do lado direito, sua irmã Thaís, 10 anos, Pedro, 9 anos (Andresa aponta o dedo), irmão de Pedro, Fabian de 10 anos (menino que segura o braço de Andresa e Joana Bernardino Cohen, de 4 anos*
Nota: Acervo pessoal da autora.

Na imagem, observamos um grupo de crianças dentro de um salão de Umbanda na Região dos Lagos, todas participando de uma atividade lúdica, enquanto se aguarda o começo do rito. As crianças estão arranjadas em círculo, vestidas predominantemente

com trajes rituais brancos, típicos das práticas umbandistas, que simbolizam pureza e conexão espiritual.

A interação entre as crianças sugere um momento de aprendizado e de prática cultural, em que elas compartilham e vivenciam os elementos da Umbanda de maneira adaptada à sua idade e à sua compreensão. O ambiente é inclusivo e educativo, permitindo que cada criança participe a seu modo, refletindo a importância de transmitir e adaptar tradições culturais e espirituais de maneira acessível e respeitosa para a nova geração.

Depois da brincadeira, uma das crianças percebeu que estava sendo fotografada durante o momento, Andresa, e compartilhou sua aflição:

Andresa: A minha professora pede a todo mundo pra levantar pra rezar. Aí, quem não quisesse, a professora obrigava. Aí no segundo dia, quando eu saí da escola eu falei pra minha mãe, aí no segundo dia, a professora falou assim: “gente, vamos levantar e rezar”. Aí, eu falei assim por dentro: “não vou levantar não, não sou obrigada, eu não sou da religião dela, sou umbandista. Aí eu falei: “não vou levantar não!”. Hoje, ela parou porque eu acendi uma vela pro vovô (Entidade) de minha mãe, aí, eu fiz o meu pedido. E ela parou do nada! Ela obrigava, e depois dava um minuto pra sala orar, e agora não fala mais nada. Minha mãe foi lá reclamar. Hoje, ela fala assim: “gente, quem quiser orar, pode orar, eu não ligo pra ninguém, quem acha que já tem proteção o suficiente, quem acha que não precisa de proteção de Deus, não ora”. Aí eu não orei.

No contexto escolar relatado por Andresa, emergem desafios significativos em respeitar e valorizar a diversidade religiosa, uma questão central no ensino. A experiência de Andresa na escola, onde a professora inicialmente impôs a todos os alunos que se levantassem para rezar, reflete uma abordagem que desconsidera as variadas crenças presentes em uma sala de aula multicultural. Esse ato contraria os princípios de oralidade e de liberdade de expressão, fundamentais na pedagogia de Paulo Freire (2015), que advoga a valorização do diálogo e da escuta ativa, o que permite que as vozes dos estudantes sejam reconhecidas e suas identidades respeitadas.

Andresa relata: “A minha professora pede a todo mundo para levantar para rezar”. Essa prática foi modificada após a intervenção da mãe de Andresa junto à coordenação escolar, exemplificando a necessidade e a eficácia de uma comunicação aberta entre familiares e instituições educacionais. A mudança permitiu que os alunos decidissem participar ou não das orações, respeitando, assim, suas convicções pessoais.

O episódio de autoafirmação vivido por Andresa é notavelmente ilustrativo: durante um momento de pressão para adotar uma prática religiosa alheia, ela pensa consigo mesma: “não vou levantar não, não sou obrigada, eu não sou da religião dela, sou umbandista”. Essa reflexão interna, que Andresa escolhe não verbalizar, evidencia sua determinação em não se submeter a práticas que desrespeitam sua fé umbandista. Esse gesto de resistência silenciosa destaca a necessidade de valorizar a voz da criança em análises de contextos educativos, reforçando sua autonomia e identidade. Paulo Freire (2014, p. 97) critica a postura de cristãos que, “em nome da amorosidade”, agem com intensa arrogância, algo que ele considera profundamente contraditório e perturbador, especialmente quando invocado em nome de Cristo.

A intervenção da mãe de Andresa ilustra o papel decisivo que a participação dos pais pode desempenhar para assegurar que as escolas respeitem e valorizem a diversidade religiosa. “Minha mãe foi lá reclamar”, relata Andresa, o que enfatiza que iniciativas concretas por parte dos responsáveis são essenciais para promover mudanças institucionais significativas. Esse episódio destaca a complexidade das interações no ambiente escolar e sublinha a importância de um sistema educativo que não somente aceite, mas celebre ativamente a pluralidade de crenças e de práticas de seus alunos.

A experiência de Andresa revela o potencial transformador de valorizar a voz da criança e de engajar pais e educadores em um diálogo construtivo para uma

educação verdadeiramente inclusiva. Paulo Freire (2014) sugere que a escola deve levar em consideração a cultura dos oprimidos, incluindo sua linguagem, sua forma eficiente de fazer contas e seu saber fragmentário do mundo, para que possam transitar até o saber mais sistematizado, que cabe à escola trabalhar. Essa abordagem fomenta um ambiente de aprendizado que não só respeita, mas também valoriza a diversidade cultural e religiosa, contribuindo para um cenário educacional mais acolhedor e equitativo. Essa abordagem fomenta um ambiente de aprendizado que não só respeita, mas também valoriza a diversidade cultural e religiosa, contribuindo para um cenário educacional mais acolhedor e equitativo.

A experiência de Andresa na escola e as observações da autora Thaís de Carvalho (2016) sobre “trauma cultural” traduzem a percepção racial entre crianças cariocas; são dois aspectos de um problema maior relacionado à forma como as identidades são formadas e reforçadas em contextos sociais. Ambas destacam a necessidade crítica de políticas educacionais e práticas sociais que não apenas reconheçam a diversidade racial e religiosa, mas também promovam uma inclusão verdadeira e respeitosa. Isso envolve transformar o ambiente educacional de maneira que todas as crianças possam se ver representadas positivamente e sentirem-se seguras e valorizadas, independentemente de sua raça ou religião.

Desse modo, ressaltamos a necessidade de políticas públicas e estratégias educacionais que promovam uma representatividade mais inclusiva e diversificada na mídia e nas escolas. É crucial criar um ambiente em que todas as crianças possam ver a si mesmas representadas de maneira positiva e empoderadora, sem os “traumas culturais”, o que pode ajudar a combater os estereótipos raciais e a construir identidades mais positivas entre crianças de todas as cores.

Diante do exposto, o trabalho de Carvalho (2016) não apenas ilumina as formas como as crianças internalizam conceitos raciais e suas consequências, mas chama a atenção para a urgência de intervenções que abordem essas questões de forma holística, considerando tanto a educação formal quanto às influências da mídia na formação da identidade das crianças.

Manoel de Barros (1998, s.p.) nos convida à reflexão com sua assertiva: “Uma palmeira coberta de abandono é como um homem de escura solidão”. Essa metáfora potente estabelece uma ressonância emocional profunda, desvelando como a solidão de uma árvore negligenciada espelha a sensação de isolamento vivenciada por um indivíduo solitário. Suas palavras nos conduzem a uma maior compreensão sobre aqueles que, mergulhados na penumbra do desconhecimento, são alienados das riquezas das religiões dos Orixás africanos. Além disso, destacamos a sinergia entre a natureza e a Umbanda, que juntas perseguem harmonia e respeito recíproco. Esses dois universos coexistem e se enriquecem mutuamente, encontrando um equilíbrio inspirador em sua interação contínua.

Considerações Finais

Este estudo destaca como as práticas lúdicas e mediúnicas dentro dos terreiros de Umbanda na Região dos Lagos contribuem significativamente para o empoderamento das crianças umbandistas, ajudando-as a enfrentar e resistir ao racismo religioso em ambientes escolares. Por meio da integração das metodologias etnográfica e fotoetnográfica, foi possível documentar a forma como a mediunidade e as brincadeiras fortalecem a identidade das crianças e fornecem ferramentas simbólicas e emocionais essenciais para combater a discriminação.

Convém ressaltar que a utilização de dispositivos móveis, como celulares, influencia significativamente a preservação e a expressão das práticas religiosas e culturais nos terreiros de Umbanda. Esses dispositivos desempenham um papel crucial ao permitirem que adeptos e pesquisadores documentem, compartilhem e aprendam sobre suas tradições de maneira dinâmica e acessível.

Ademais, a comunicação também é aprimorada pela tecnologia móvel. Por meio das redes sociais e aplicativos de mensagens, os umbandistas podem se conectar com outras pessoas que compartilham de sua fé, trocando experiências e informações.

Essa rede de apoio virtual fortalece a comunidade e permite uma troca constante de saberes e vivências, enriquecendo ainda mais a prática religiosa.

No cenário da intolerância religiosa enfrentada por crianças umbandistas nas escolas, muitas vezes, reflete-se uma falta de compreensão e respeito pelas práticas religiosas afro-brasileiras. A pesquisa revelou como a Umbanda, com suas práticas inclusivas e acolhedoras, serve como espaço de resistência e de afirmação cultural. A mediunidade, especialmente, permite às crianças uma comunicação profunda com as entidades espirituais, reforçando sua autoestima e senso de identidade.

Quiçá o impacto desses escritos na sociedade possa ser amplo. Eles promovem um entendimento mais profundo da Umbanda como uma prática religiosa integrativa e transformadora, desafiando os estereótipos e preconceitos frequentemente associados a essas crenças. Além disso, ao promover o conhecimento sobre as práticas religiosas da Umbanda, busca-se desenvolver um modelo educacional que reconheça e respeite a diversidade religiosa e cultural. Tal abordagem contribuiria para um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e respeitoso, alinhado com os princípios de laicidade e pluralidade cultural que fundamentam o sistema educacional.

É imperativo reconhecer que incorporar a riqueza das tradições afro-brasileiras na educação formal pode servir como uma ferramenta vital para educadores e formuladores de políticas públicas, incentivando-os a reconhecer e valorizar essa diversidade. Ao preparar as crianças umbandistas nos terreiros para expressarem suas identidades religiosas de maneira confiante e respeitada, fortalece-se a sociedade como um todo na valorização e proteção de suas expressões culturais e espirituais.

Portanto, este estudo não apenas sublinha a importância da mediunidade e das práticas religiosas da Umbanda na formação identitária das crianças, mas também ilumina caminhos para que a educação brasileira avance em direção a um futuro em que a diversidade é vista como um pilar fundamental, e não como um desafio a ser superado.

Referências

- Athayde, R. (2012). *Exu e o mentiroso*. Ilustrada por Clara Zúñiga. Pallas.
- Barros, M. (1998). *Para Encontrar o Azul Eu Uso Pássaros – To find blue I use birds*. Gaspetro.
- Boaz, D. N. (2021). *Banning Black gods: law and religions of the African diaspora*. Penn State University Press.
- Caron, André. H., & Caronia, Letizia (2012). As novas práticas de comunicação, cultura mobile. In: Brougère, Gilles, & Ulmann, Anne-Lise (org.). *Aprender pela vida cotidiana* (p. 143-155). Autores Associados.
- Carvalho, T. Percepções de crianças do Rio de Janeiro sobre as representações raciais: notas de campo. (2016). *Novos Olhares*, 5(2), 123-130. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2016.120320>
- Falcão, Christiane Rocha (2010). "Ele já nasceu feito": o lugar da criança no Candomblé. 2010. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório de UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/27726>
- Freire, P. (2021). *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar* (33a ed.). Paz & Terra.
- Freire, P. (2014). *Pedagogia da tolerância* (3a ed.). Paz & Terra.
- Freire, Paulo. (2015). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa* (50a ed.). Paz & Terra.

Marques, Maria Cristina (2014). *Lendas de Exu sob os holofotes da educação*. [Dissertação de Mestrado, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca]. Repositório Cefet/RJ. https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/22_Maria%20Cristina%20Marques.pdf

Marques, Maria Cristina (2023). *O brincar, a educação e as crianças do acampamento cigano de Quissamã, RJ: uma fotoetnografia de brincadeiras e de aprendizagens*. 2023. [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Repositório da UERJ. <http://bdtd.uerj.br:8443/handle/1/20206>

Martins, A. (2008). *Lendas de Exu*. Pallas.

Queiroga, E. (2016). Nem toda fotografia é autoral. *Novos Olhares*, 4(2), 82-90. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2015.87705>

Signates, L. (2019). A mediunidade, da profecia ao rito: a transformação da espiritualidade no espiritismo kardecista. *Caminhos – Revista De Ciências Da Religião*, 17(1), 123-141. <https://doi.org/10.18224/cam.v17i1.6968>

Signates, L. (2021). Desvelando o fenômeno religioso. . . com o Prof. Dr. Luiz Signates. *REU – Revista de Estudos Universitários*, 47(2), 437-452.

Retschitzki, J. (2012). Aprender pela mídia. In: Brougère, G., & Ulmann, A. (Orgs.). *Aprender pela vida cotidiana* (p. 141-142). Autores Associados.

Silva, Isadora Souza da; Marques, Maria Cristina (2019). Exu, Senhor das Histórias: uma proposta decolonial de educação. *Revista Ensaios e Pesquisa em Educação e Cultura*, 4(7), 130-145.

Winnicott, D. W. (2019). *O brincar e a realidade*. Ubu. (Publicado originalmente em 1971)